

**ECONOMIA SOLIDÁRIA: SABERES, EDUCAÇÃO FINANCEIRA E HABITUS.  
FEIRAS AGROECOLÓGICAS POPULARES E SOLIDARIAS NO VALE DO  
MAMANGUAPE PARAIBANO.**

**Kym Kanatto Gomes Melo**

Universitário do Curso de Ciência da Computação – CCAE  
Bolsista da INCUBES/GEPEEE S  
kym.kanatto@dce.ufpb.br

**Lidiane do Nascimento Silva**

Universitária do Curso de Ecologia – CCAE  
Bolsista da INCUBES/GEPEEE S  
kym.kanatto@dce.ufpb.br

**Paulo Roberto Palhano Silva**

Professor Dr. Orientador  
Líder do GEPEEE S-CCA E – UFPB - CNPq  
Integrante da INCUBES -UFPB  
[ppalhano1@gmail.com](mailto:ppalhano1@gmail.com)

**RESUMO**

**INTRODUÇÃO:** O artigo trata da caracterização das Feiras Agroecológicas Populares Solidária através do Projeto FORTALECIMENTO DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS – INCUBES COM A AMPLIAÇÃO DAS AÇÕES DE GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO, PROEXT –UFPB (2012). Articula-se como polo de ações educativas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Etnia e Economia Solidária - GEPEEE S – UFPB, especialmente com com o Projeto de Pesquisa denominado EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDARIA: Sujeitos e desafios estratégicos da UFPB no Vale do Mamanguape – PIBIC – CNPq – UFPB (2011).

**METODOLOGIA:** O arcabouço teórico metodológico em economia solidaria com SINGER (2000), PALHANO SILVA (2004; 2011), **MANCE (2006)**, GAIGER (2008); em movimentos sociais com GADOTTI (2001); pesquisa-ação (BRANDÃO, 2000; FRANCO, 2005); e na ampliação do capital cultural (BOURDIEU, 1999). Primeira etapa, diálogos e incubação de empreendimentos solidários; Na segunda, realizações de reuniões com empreendimentos das feiras de economia solidaria do Vale do Mamanguape; Na terceira, levantamento bibliográfico e fundamentação teórica sobre feiras de economia solidária, especialmente no Brasil e na Paraíba. Na quarta, apresentação de resultados e acompanhamento de incubação dos empreendimentos ampliando capital cultural com base nos princípios da economia solidária.

**RESULTADOS:** Foram produzidos relatórios da caracterização das feiras agroecológicas e solidárias do Vale do Mamanguape. Foram realizadas visita técnicas ao Banco Palmas (CE), Feiras Agroecologias e solidária de Salema-Rio Tinto, Praça-Jacaraú, Centro-Marcação e Campus da UFPB em João Pessoa.

**CONCLUSÃO:** As ações educativas indicam a presença da economia solidária na região. A INCUBES e GEPEEE S – UFPB estão acompanhando empreendimentos econômicos e populares.

Palavras chaves: Economia Solidária – Feiras - Educação

## INTRODUÇÃO

No Estado da Paraíba, principalmente no Vale do Mamanguape, às Feiras Agroecológicas Populares Solidária podem ser encontradas, sendo conhecidas pela comunidade da região e por movimentar uma considerável receita, aonde reúne a comercialização da produção das famílias da agricultura familiar, famílias de pescadores e proveniente das áreas indígenas. Enquanto a região do Vale do Mamanguape é composta por 11 municípios, aonde já existem sinais da presença de Feiras Agroecológicas Populares Solidária, por tanto, com distinção de ofertar produtos livres de agrotóxico, sem trabalho escravo ou infantil, dentre outros, além de preço justo.

Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), Economia Popular Solidária (EPS), socioeconômica solidária, economia social, humanoeconomia, economia popular, economia de proximidade são denominações que buscam representação desse espaço de comercialização de produtos de natureza solidários, orgânicos ou agroecológicos. Essas são várias das formas pelas quais são conhecidas as práticas econômicas fundamentadas em relações de colaboração solidária e inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica.

As feiras são importantes espaços para comercialização, vendo que não é preciso de uma parte burocrática, ou seja, nota fiscal para comercializar e a vigilância sanitária é mais flexível. As mesmas também contribuem para o desenvolvimento local, uma vez que os feirantes, quando acabam de vender seus produtos ou termina o período da feira, vão gastar os seus lucros ou o que conseguiram arrecadar no mercado local. Portanto a produção é realizada no próprio município ou nas adjacências e a renda gerada por ela, fica também no município na qual a feira é localizada.

Na sociedade consumista do século XXI, uma sociedade capitalista que visa o lucro em primeiro lugar, tem uma enorme procura de produtos-alimentos naturais ou orgânicos, mas vem criando obstáculos, dificuldade para o uso das FLV (frutas, legumes e verduras) sem agrotóxicos. Dificuldades essas para produção e comercialização, vendo que está se perdendo ou diminuindo o contato, diálogo (conversa), a interação com o produtor/comerciantes (o feirante) e o consumidor.

São consideradas feiras livre ou feiras de economia solidária, aquela que forje do esquema usual mais como conhecido como o supermercado, feiras aquelas que acontecem no

mesmo local e mesmo dia da semana ou feiras móveis. Seus objetivos principais está baseado na venda/troca/compra de serviços e produtos, a venda sendo responsável por aqueles produtores familiares e comerciantes locais, troca e compra responsabilidade dos frequentadores (consumidores), potencializando o capital cultural local.

Vejamos as etapas a serem percorridas na execução do projeto.

### **1º Etapa:**

Nossos estudos serão desenvolvidos através de pesquisas, com aquelas famílias que trabalham e frequentam as feiras livre e agroecológicas e realizam ações com os princípios da economia solidária: **Primeiro:** realizar visita técnica as localidades que possuem feiras agroecológicas no Vale do Mamanguape identificadas nas ações de pesquisa do GEPEEEs; e nestas procurar dialogar com os sujeitos integrantes das feiras; Segundo: procurar identificar as características das feiras e seus problemas, começando a descobri-los e identificar possíveis soluções para núcleos de questões e dúvidas nas temáticas da economia solidária: a) Qual perfil socioeconômico dos grupos (feirantes)? b) Qual tipo da sociedade dos feirantes (Individual ou Associado)? c) Como se comporta da organização, a gestão, a sustentabilidade da feira? **Segundo:** discutir, dialogar sobre as questões e dificuldades da feira: a) Quais cuidados com a higienização e armazenamento dos produtos? b) Qual o grau de satisfação de um consumidor da feira? **Terceiro:** Procurar os órgãos públicos, Ong's, fórum de economia Solidária, INCUBES para identificar informações sobre as feiras, por exemplo: mapa situacional das feiras, diagnostico das feiras, dentre outros;

### **2º Etapa:**

Promover reunião para dialogo entre UFPB-INCUBES-GEPEEEs e lideranças e outros pertencentes as feiras de economia solidaria do Vale do Mamanguape, objetivando: a) iniciar o dialogo dessas lideranças com UFPB-INCUBES-GEPEEEs; b) conhecer as demandas e suas historias; c) apresenta os motivos que a UFPB-INCUBES-GEPEEEs que desenvolver as ações educativas.

### **3º Etapa:**

Consiste em realizar um levantamento da literatura sobre feiras de economia solidária, especialmente no Brasil e na PB que seja capas: a) identificar a historia das feiras no âmbito nacional; b) levantar o Termo de Referencia sobre feiras de economia solidaria; c) identificar a matriz teórica que estrutura o pensamento sobre a sua natureza - feira popular – feira agroecológica

– feira de economia solidária -; d) identificar os registros já feitos sobre as feiras na Paraíba; e) construir instrumentos de coletas de dados das características das feiras na Paraíba, e, particularmente, no Vale do Mamanguape.

#### **4º Etapa:**

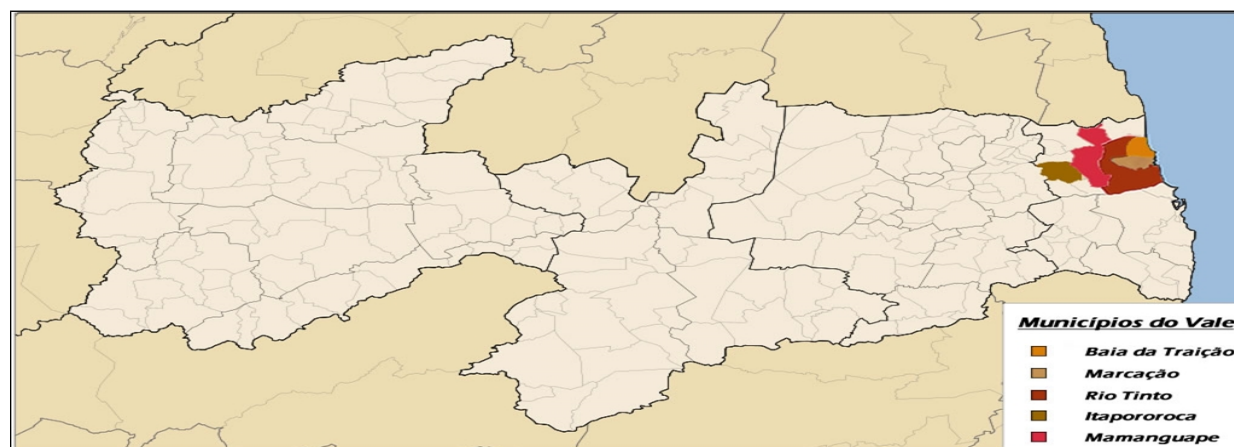
Ações a serem realizadas após a primeira etapa: Primeiro: a) o desenvolvimento de assessoria técnica junto aos grupos de produção, comercialização/consumo das feiras de economia solidária pesquisadas. b) articulação de processos territoriais de desenvolvimento da economia solidária e formação de cadeias produtivas.

Obs: a) para todas as etapas serão produzidos relatório síntese que possam revelar a atividades desenvolvido e seu estágio de evolução; b) para todas as etapas e atividades educativas será produzido um registro fotográfico das ações e seus sujeitos; c) será verificado a possibilidade de haver intercambio sobre as temáticas específicas e práticas de saberes; d) acompanhar o cronograma construir para as ações específicas desse Programa; e) acompanhar as atividade do GEPeesS, INBUBES. Bem como, produzir o planejamento e avaliação processual.

#### **Geopolítica da ação:**

#### **MAPAS DOS MUNICIPIOS ESCOLHIDOS PELA PESQUISA**

Na 1ª Etapa da pesquisa, cinco municípios foram escolhidos para estudos: Baía da Traição, Marcação, Rio Tinto, Mamanguape e Itapororoca.



**Figura 1 – Mapa do estado da Paraíba - GEPeesS**

O programa é desenvolvido na região do vale do Mamanguape, marcada por municípios que vivenciam a plantação da monocultura da cana-de-açúcar, do abacaxi, mamão, com agroindústrias

de processamento vinculada, com comércio de por médios e pequenos, com uma burocrática administrativa. Situados na região de mata atlântica e extensa faixa litorânea, áreas de preservação. Mas ainda: uma região com a presença da nação Indígena Potiguara, segundo maior povo indígena brasileiro.

“É preciso destacar que o povo Potiguara é a maior população indígena do nordeste etnográfico. São mais de 15 mil índios, distribuídos em 32 aldeias, nos municípios de Marcação, Baía da traição e Rio Tinto. A UFPB precisa continuar abraçando a causa indígena Potiguara. Esse povo resgatou sua terra durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, numa atitude ousada, retornando aos espaços dominados pelos grandes grupos econômicos. A luta pela terra não terminou. A luta pelos direitos indígenas continua a todo vapor. Algo extraordinário vem acontecendo: a emergência étnica, onde os indígenas buscam suas raízes culturais, com a musicalidade, a dança do tore, dentre outros”.(PALHANO SILVA, 2012)

Atualmente, o povo Potiguara acumula um grande legado de lutas, de conquistas e de vitórias, além dos seus representantes ocuparem cargos de destaques tanto ao nível regional, na Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), como ao nível nacional, na Comissão Nacional de Política Indigenista (CNPI).

Em todas as esferas os índios estão ocupando seus espaços e buscando fortalecer sua cultura ancestral. Na educação participaram efetivamente de todo o processo de construção da Primeira Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (CONEI), realizada em Brasília, em novembro de 2009. Algumas organizações como a Organização dos Professores Potiguara (OPIP), a Organização dos Jovens Potiguara (OJIP), a Associação dos Universitários Potiguara (AUP), foram criadas para fortalecer os vínculos indígenas, para lutar por melhoria no conhecimento e para buscar recursos para a população indígena.

Os estudos preliminares realizados no âmbito do GEPeeS, coordenados pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Palhano Silva, líder junto do CNPq, indicam uma caracterização, que serve como ponto de partida sobre os sujeitos produtores e comerciantes das feiras, vejamos:

Diz as anotações do Prof. PALHANO SILVA (2012): As feiras populares agroecológicas e solidárias existentes na região vêm aglutinando um conjunto de famílias advindas das aldeias e das áreas de assentamentos rurais. Mas, as feiras possuem um conjunto de características que estão necessitando uma reordenamento com base nos princípios da economia solidaria ou mesmo dos padrões da vigilância sanitária. Além do sustentável há vivencia de uma nova educação financeira.

A UFPB tem diversas ações de acompanhamento a Feiras de Economia Solidária. Esse acompanhamento sistemático gerou um conhecimento socializado com os diversos membros das

feiras por todo interior da Paraíba. A Feira de maior expressão situa-se no Campus 1 - UFPB, em João Pessoa, sendo realizada há 10 anos, às sextas-feiras, pelos agricultores da região da Várzea.

Na região do Vale do Mamanguape, os membros do presente Programa vêm mantendo, há dois anos, contato com um conjunto de famílias de agricultores e indígenas que participam de Feiras Populares e Solidárias. Vejamos um pouco as características de cada uma delas:

**1) Feira de Economia Solidaria de Salema** - Situada no município de Rio Tinto - PB, especificamente, na rodovia entre Mamanguape e Rio Tinto - PB. Seu funcionamento ocorre todas as sextas-feiras. A feira mobiliza 20 famílias de produtores rurais. O público é constituído por moradores na redondeza e especialmente aqueles que trafegam na estrada. Nessa feira são comercializados produtos, como: cultura branca: inhame, batata-doce, macaxeira, feijão verde, coco-verde, coco seco, verduras, frutas (manga, mangaba, laranja, jacá; processados: tapioca, biju; carne verde de bovino e suíno; artesanato: em pano).

Problemática:

a) Reclama-se da falta de sinalização e dos ambientes para os descartes correto dos produtos; b) Outro aspecto é a falta de informação das origens dos produtos, das embalagens adequadas para que consumidores possam levar os produtos; c) Os produtores/vendedores não possuem vestimenta padronizada; d) Os produtos são transportados até o local da feira por variados meios: carro de mão, carroça, manual, etc.

**2) Feira de Economia Solidária do Centro** – Situada no município de Marcação – PB. Seu funcionamento ocorre todas aos domingos. A feira mobiliza 50 famílias de indígenas e famílias da agricultura familiar dos assentamentos rurais e pequenos comerciantes que advém de municípios da região. O público é constituído por moradores de Marcação e de área próximas. Nessa feira são comercializados produtos, como: cultura branca: inhame, batata-doce, macaxeira, feijão verde, coco-verde, coco seco, verduras, frutas (manga, mangaba, laranja, jacá; abacate; processados: tapioca, biju; carne: peixe, camarão, carne de bovino e suíno; artesanato: artigos para roupas, cama e mesa e vestimentas em pano; em palha temos objetos de decoração e de trabalho;).

Problemática:

a) Partes dos produtos são produzidos pelos próprios feirantes em suas pequenas áreas de terras. Mas, há também aqueles que vem comercializar os produtos pertencendo a outros municípios. É preciso de maior investigação para definir a natureza dessa feira; b) Não existe uma identificação da origem dos produtos; c) Não há embalagens adequadas; d) Os produtores não possuem vestimenta adequada, com identificação, vestimenta padronizada; e) Os populares reclamam do processo de higienização tanto dos produtos expostos a venda, como dos produtos

gerados no próprio ambiente da feira, exemplo: as bancas que vendem café da manhã, almoço, lanches,...

**3) Feira de Economia Solidária do plástico** – A feira localiza-se no centro da cidade no município de Itapororoca – PB, em frente a igreja Matriz São João e o mercado público. Essa feira é uma iniciativa de diversas famílias que resolveram de forma isolada produzirem e comercializarem seus produtos. A mesma existe há 3 anos.

Problemática:

a) Os produtos são expostos à comercialização no canteiro central da rua; os produtos são expondo no chão, só amparados por plásticos pretos em sua maioria. Durante as visitas apenas o produto tipo carne bovina era comercializada em uma banca; b) Os produtos são transportados à feira por diversas maneiras: a carne bovina é transportada em carro, geralmente, em ambiente não adequado conforme os padrões da vigilância sanitária; os demais produtos são transportados por diversas maneiras: cestas, sacolas, carro de mão; c) Os feirantes e membros da UFPB já tiveram reunião com o poder público, que a princípio manifestou grande interesse em resolver a precária situação dessa comercialização, mas até última reunião que antecedeu o processo de elaboração desse projeto, a comercialização nessa feira era realizada de forma inadequada, de forma insalubre, trazendo alto risco com a venda de produtos à população; d) Percebe-se com facilidade que não há conformidade dos produtos. Os produtores manifestam que os produtos são livres de agrotóxicos, mas ainda não houve comprovação; e) Os produtores não tem processo autogestionário; desconhecem os princípios da economia solidária; f) Reclama-se da falta de sinalização e dos ambientes para os descartes correto dos produtos; g) outro aspecto é a falta de informação das origens dos produtos, das embalagens adequadas para que consumidores possam levar os produtos. Os produtores/vendedores não possuem vestimenta padronizada. Falta uma padronização visando a higienização e apresentação dos produtos. A feira possui um potencial a ser recebido de novos produtores, mas é preciso ter bancas, tirar os 80% dos produtos da comercialização em cima de plásticos situados ao chão; h) É desconhecida a origem dos produtos da feira. Os feirantes manifestaram, em sua maioria, que são os próprios produtores dos produtos comercializados na feira, mas não houve por parte da UFPB ou outro órgão de atuação local ou estadual, dessa comprovação. Os problemas de ordem organizacional, autogestionária, de qualidade dos produtos, de acondicionamento dos produtos, de exibição dos produtos aos consumidores,(...) De modo que o caso “se arrasta” e população é a prejudicada.

**4) Feira de Economia Solidária do centro** – Situada no município de Jacaraú - PB, na praça da Matriz, centro da cidade. A feira ocorre com os produtores expondo seus produtos em

barracas/mesa. São 15 famílias que comercializam seus produtos diretamente aos consumidores. A mesma tem o funcionamento todas às quartas-feiras. A feira mobiliza pequenos produtores rurais do próprio município que comercializam seus produtos advindos de áreas de assentamentos rurais. A feira de produtos orgânicos acontece às quintas-feiras. O plantio é feito no Sítio Olho D'água, Assentamento Boa Esperança e Assentamento Antônio Chaves. Não há incentivo da prefeitura na distribuição de sementes, adubos orgânicos ou tratores para as terras. Os consumidores são da própria cidade de Jacaraú - PB. Nessa feira são comercializados poucos produtos, como: cultura branca: macaxeira, bata-doce, coentro, cebolinha, hortelã, inhame, feijão verde, coco-verde, coco seco, verduras, frutas (abacaxi, manga, mangaba, laranja, jacá, abacate; carne: carne de bovino e suíno; É preciso de maior investigação para definir a natureza dessa feira.

Problemática:

a) Há reclamação quanto ao apoio municipal na disponibilidade de transporte visando o traslado dos produtos das áreas de assentamentos até o espaço de comercialização; b) Não há fiscalização eficiente por parte do poder municipal que permite que outros comercializem produtos não orgânicos num raio de proximidade inferior a 1.000 metros; c) Apesar dos produtos serem apresentados como orgânicos, não há um selo que faça apresentação dos produtos; d) grupo de produtores reclama da ausência da universidade federal junto ao processo produtivo e de gestão solidária.

As problemáticas apresentadas, em grande parte, poderiam ser consideradas como naturais e comuns, mas o repertório merece a atenção da comunidade acadêmica visando aportar reflexões, análises bio-químicas, apoio na área de design e gestão, acondicionamento dos produtos, dentre outros que aos poucos serão tratados no processo de incubação da INCUBES e com o apoio do GEPEeS - UFPB.

### **As feiras e a redes de econômicos**

As feiras da qual estamos tratando se interessam na natureza agroecológica e solidária. Na primeira, busca a comercialização onde os produtos em sua originalidade sejam considerados agroecológicos, orgânicos ou estejam em estágio de conversão, sendo portanto, produtos limpos de agrotóxicos, livres de pesticidas e fungicidas químicos; solidários, produzidos via autogestão, sem a presença de trabalho escravo, infantil, criado e gerido de forma solidária, onde os resultados econômicos são apropriados pelos sujeitos criadores, produtores.

No Brasil, a economia solidária emergiu nas últimas décadas, estando presente em todos os Estados da Federação. No último censo foram cadastrados mais de 22 mil empreendimentos, que



movimentam uma parcela substancial (10%) do Pib brasileiro. Os processos experienciados já são apresentados para o mundo.

Nesse contexto, percebe-se que na arquitetura desse movimento, foi gestado de forma pedagógica um sistema de articulação e representação político na qual denomina-se de Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FEBES. No mapa abaixo, um fluxograma da economia solidária no Brasil:



Fonte: FEBES, 2012.

A título de informação: O FEBES, Fórum Brasileiro de Economia Solidária, está organizado em todo o país em mais de 130 Fóruns Municipais, Microrregionais e Estaduais, envolvendo diretamente mais de 3.000 empreendimentos de economia solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária. Uma das formas de organização do FEBES são as redes sociais e produtivas.

PALHANO SILVA & PAIVA (2010) em artigo NOVAS ESTRATEGIAS EDUCATIVAS: experiências das Redes de Economia Solidária no Brasil, manifestam a existência de um novo sujeito coletivo denominado “rede” que emergiu nas últimas décadas no Brasil, especialmente, aquelas que atuam no ambiente que se configurou como de “economia solidária”. Identifica-se que as Redes de economia solidária possuem um conjunto de particularidades que podem ser visualizadas nas suas formas representativa, organizativa e simbólica.(p. 1)

**Vejamos alguns aspectos identitários das redes segundo PALHANO SILVA & PAIVA (2010):**

**a) A singularidade em ser rede:** alternativas de congregar diversos atores numa proposição de matriz econômico popular e solidaria com natureza produtiva, social e política. Sua proeza da das redes em economia solidaria tem sido marcada por reunirem trabalhadores (as) de segmentos produtivos e sociais diversos, bem como, por ter a participação de entidades âncoras, caracterizando inicialmente por ações locais e ampliadas para reunir atores em níveis regionais, nacionais e até internacional. Percebe-se que as redes de economia solidária foram sendo geradas por atores localizados, como: famílias, grupos informais, associações e cooperativas... Sua construção social tem identidade marcada por um contexto específico, algumas nascem de ações espontâneas, por dentro das entidades âncoras, outras porque congregaram interesse tornando-se alternativas de natureza produtiva, social e política.

**b) Identidade: o mundo do trabalho.** Como apresenta CASTELLS os grupos e movimentos se cristalizam ora com Identidade legitimadora, Identidade de Resistência e de Projetos, como identifica (1999, p.24). As redes de economia solidária no Brasil têm sido identificadas especialmente, como de resistência e de projetos. Regidas por princípios da organização, cooperação, autogestão, as redes concretizam por sua identidade e seu campo nos processos de articulação, formação e produção, seja visando sua configuração social ou produtiva. Dessa forma, se por um lado exercitam ações educativas para formar seus integrantes - trabalhadores (as), educadores e lideranças - através de cursos, seminários e oficinas para o **mundo do trabalho**, da produção e comercialização. As redes também que são espaços privilegiados de articulação e estruturação constituindo-se com sujeito coletivo estruturando-se com uma **visão de mundo** marcado pela cooperação, autogestão.

Os autores, no ALAS realizado na Argentina (2009), apresentando o artigo “As redes de economia solidária no Brasil”, destacam os traços fundamentais das trajetórias das redes:

- As ‘Redes’ de economia solidária que atuam no Brasil constituíram-se basicamente nas últimas três décadas reunindo grupos informais, entidades formalizadas, com dimensões inicialmente nascidas das ações locais, e ampliadas para reunir atores a nível regionais e nacionais;

- Identificou-se que essas têm como espaço privilegiado os processos de articulação, formação e produção, seja visando sua configuração social ou produtiva. Dessa forma, se por um lado exercitam ações educativas para formar educadores e lideranças através de cursos, seminários e oficinas, exercitam no mundo do trabalho, da produção e comercialização, as redes também que são espaços privilegiados de articulação e estruturação dos sujeitos de seus pares, na perspectiva de redes de economia solidária no Brasil;

- Nos últimos anos, 1985 a 2009, percebemos um aumento dos indivíduos, grupos, associações, ONG’s que atuam com o vínculo com a economia solidaria. Porém, o maior significado é sem

dúvida crescimento do número de atividades educativas e produtivas que são realizadas em ambientes de **Redes** de economia solidária. Elas têm capacidade de congregar diversos atores, e, conseqüentemente, conseguem a proeza de ampliar os seus resultados materiais e imateriais, bem como, geram significados a partir do cotidiano; e

- Uma estratégia desse sucesso tem sido o desenvolvimento de processos de formação capacitando não apenas lideranças, mas ‘educadores populares’ que passaram a realizar práticas educativas, geralmente através do ensino informal, do acompanhamento técnico nos locais de trabalho e da vida comunitária, visando à difusão de novas tecnologias sociais apropriadas ao desenvolvimento territorial. (PALHANO, 2009)

Estudando a trajetória do movimento de economia solidaria no Brasil, MANCE registra que “o grande avanço nos anos 90 das práticas de *economia solidária* é fruto, entre outras razões, da progressiva conscientização da importância da organização de redes para o sucesso dos empreendimentos”.(2006).

## RESULTADOS E CONCLUSÕES

Como primeiros resultados das visitas técnicas realizadas nas feiras, podemos manifestar que as feiras agroecológicas e solidaria são espaços para:

**a) Troca de sabres entre produtores e consumidores:** Nas oportunidades de observação, constatou-se que ocorre um nível altíssimo de uma educação popular, ou seja, educação informal, educação família, (...) aonde contribui com a formação do sujeito com o conhecimento empírico, na base de reflexões com temas importantes, tais como: Ecologia e cuidado com o meio ambiente; Questões de gênero e raça; Consumo consciente e as conseqüências dos nossos hábitos de consumo; Cidadania ativa; Educação Alimentar; Economia Solidária; Empreendedorismo Popular; Desenvolvimento Local; Políticas Públicas e demais temas afins.

**b) O exercício da autogestão:** a comercialização de produtos trocados por moeda nacional ou social. As feiras são espaços de construção coletiva onde todos são convidados ajudar na organização, dar sugestões, criticar e melhorar. Um espaço democrático de partilha e união;

As feiras agroecológicas populares e solidárias são espaços pedagógicos, pois neles há circulação e elaboração de saberes, ecologicamente ‘correto’, mas percebe-se o início de vivências de uma nova educação financeira e *habitus* sustentável.

## REFERENCIAS

BOURDEU, Pierre. O poder simbólico, Rio de Janeiro: Difel, 1989

BOURDEU, Pierre. A dominação masculina. 1985, Rio de Janeiro: BCD. União de editores S.A.

FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Link.: <http://www.fbes.org.br> Acessado 04/04/2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação**. In: Um olhar sobre Paulo Freire – Universidade de Évora – Portugal, 19 a 23 de setembro/2001.

MANCE, Euclides André. **A Consistência das Redes Solidárias**. Versão para download: Tema do mês de janeiro de 2006.

PAIVA, Irene Alves. **Os aprendizados da prática coletiva**. Assentados e militantes do MST. (Tese de Doutorado), USP, São Paulo, 2003.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto. **MST, *habitus* e campo educacional**. Tese de Doutorado, UFRN, 2004.

\_\_\_\_\_. As redes de economia solidária no Brasil. Buenos Aires – Argentina, ALAS - Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, 2009.

\_\_\_\_\_. Economia solidária como práxis pedagógica. Ed, L Instituto Paulo Freire. São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Programa de desenvolvimento socio-economico-sustentavel-solidário e vivencias do potencial produtivo das comunidades tradicionais para superação da extrema pobreza no Vale do Mamanguape Paraibano. Projeto João Pessoa, UFPB, PRAC, Programa PROEXT, 2012.

\_\_\_\_\_. Rede de movimentos sociais na America latina - Caminhos para uma política emancipatória? CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez. 2008(Recebido para publicação em outubro de 2008)(Aceito em dezembro de 2008).

\_\_\_\_\_. "Survival of rural Squatter Settlements: Sem Terra (Without Land) Movement in Nordest Brazil". K. D. Muller In: The 21 st annual Applied Geography Conferences. Editor: F. Andrew Schoolmaster; Associate Editores: Nancy Torrieri, Joe L sober e Ken G. Jones. University of Louisville, Estados Unidos, october 21-24, 1998, pag. 26.

\_\_\_\_\_. "Sem Terra (Without Land) Movement, Northeast Brazil". K. D. Muller, In: Applied Geography Conferences. Editor: F. Andrew Schoolmaster; Associate Editores: Nancy Torrieri, Joe L sober e Ken G. Jones, University of Louisville, Estados Unidos, V. 18, Fascículo 01, 1995, pag. 155 a 185.

PATEMAN, Carole. **Participação e a teoria democrática**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1992.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto. Projeto de Pesquisa denominado de EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDARIA: CARACTERIZAÇÃO E PRESPECTIVAS NO VALE DO MAMANGUAPE articulado com o plano denominado EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDARIA: Sujeitos e desafios estratégicos da UFPB no Vale do Mamanguape, em processo de implementação. João Pessoa, UFPB, PRPG, Projeto de Pibic,2011.

PALHANO SILVA, Paulo Roberto & PAIVA, Irene Alves. **NOVAS ESTRATEGIAS EDUCATIVAS: experiências das Redes de economia solidaria no Brasil**. Porto de Galinha – PE, ALASRU - "Ponencia presentada al VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 2010.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.